

A INTERNET DE LUZ: ENSAIO SOBRE O LUMINAR DO ROMANCE *EUMESWIL* DE ERNST JÜNGER

Manuel Curado

curado.manuel@gmail.com

Universidade do Minho

1. Casa de Salomão

A importância da internet para a sociedade contemporânea levou muitos investigadores a procurarem retrospectivamente tudo que pudesse ser considerado uma antecipação da rede mundial de computadores. Este é um exemplo de como uma realidade presente obriga à releitura das realidades do passado, e é também uma lição sobre o modo como o futuro poderá identificar em qualquer época passada realidades e aspetos que nessa altura eram invisíveis aos próprios protagonistas. A releitura que se fez do passado mostra que a internet está baseada numa história intelectual e científica muito rica, onde se destacam os conceitos de artes ou teatros de memória, de criptografia, de máquinas calculadoras, de conectividade, de contágio e propagação, de línguas artificiais perfeitas, de sistemas técnicos de tradução universal, de *mathesis universalis* e de computação. Este trabalho de releitura do passado está apenas a iniciar-se. Se o contributo dos conceitos científicos, filosóficos e clínicos já foi estudado amplamente, muito há ainda a fazer a respeito do contributo de outras áreas para o imaginário da conexão universal, de que a internet é uma instância concreta com um elevado potencial de desenvolvimento futuro. Pense-se no contributo das representações literárias, da argumentação filosófica e dos textos religiosos ou místicos. A percepção que se tem no século XXI da tecnologia tende a considerá-la um assunto autónomo, sem influências de outros fatores que não os diretamente ligados ao processo científico, à criação técnica e à produção económica. Esta percepção poderá ser enriquecida com estudos do modo como representações provenientes de outras áreas poderão ter inspirado desenvolvimentos técnicos e científicos (Tofts, Anne-marie & Cavallaro, 2002).

As palavras que se seguem procuram contribuir com um subsídio para a história intelectual da internet. O escritor alemão Ernst Jünger (1895-1998) descreveu uma curiosa antecipação das tecnologias que permitem a conexão ilimitada de sujeitos humanos no seu romance *Eumeswil*, de 1977. A máquina luminar que aparece nas páginas dessa obra tem alguns traços da atual internet, nomeadamente a proposta de um sistema de memória artificial muito vasta, ou até mesmo infinita, e a descrição de meios multissensoriais e estereoscópicos de visualização de documentos. O que é notável no luminar não é apenas a antecipação de características da internet mas, sobretudo, a proposta de desenvolvimentos futuros ainda mais extraordinários, como uma internet que use todas as faculdades sensoriais humanas, incluindo o tato, o paladar e o olfato, e de sistemas que possibilitem a reconstrução de eventos passados. Jünger, ao juntar de modo romanesco um sistema de memória infinita com uma máquina do tempo, tentou concretizar um imaginário muito antigo em que os seres humanos se veem conectados com todas as inteligências humanas que existem, existiram e existirão no mundo. Na falta de melhor descrição, dir-se-ia que Jünger tentou descrever um sistema que parece ser um Espírito Santo laico, que não emana do Pai e do Filho, mas da criatividade dos seres humanos. Independentemente do alcance desta antecipação literária da atual internet, é importante reconhecer que ela mostra que há uma dimensão imaginária da atual rede mundial de computadores que urge estudar. A internet de hoje parece inserir-se numa aspiração multissecular da conexão infinita de tudo com tudo (de todos os seres humanos do presente, do presente com outras épocas históricas, dos seres humanos com outros seres inteligentes, dos seres inteligentes com máquinas e animais, etc.). Olhando para a internet do ponto de vista do luminar de Jünger, há uma história intelectual que vai do pré-socrático Anaxágoras de Clazómenas, falecido a 428 a.C., com a sua ideia de que cada bocado ínfimo do universo tem sementes (*spermata*) da totalidade, o que poderá ser interpretado *mutatis mutandis* como informação dessa totalidade (frag. 6); passa pelo temor oitocentista de que as máquinas possam vir a ultrapassar e dominar os seres humanos, manifesto em obras literárias como o romance *Erewhon* de 1872, de Samuel Butler; e surge contemporaneamente em muitas representações de um mundo conectado, como a de uma outra antecipação da internet que surge na *Summa Technologiae* do escritor polaco Stanislaw Lem, de 1964.

A palavra “luminar” tem também um passado prestigioso na medicina e na teologia dos séculos XVII e XVIII, ligado à representação de grandes sábios e santos, ou dos corpos celestes, como o Sol (luminar maior) ou a Lua (luminar menor)

(Nuñez de Acosta, 1674; Abreu, 1725). É, contudo, *Sir Francis Bacon* que, na sua utopia *Nova Atlântida*, de 1627, lhe dá um sentido relevante para a história da internet. A Casa de Salomão, instituição central do Estado perfeito, está totalmente dedicada à preservação, aquisição e invenção de conhecimento. Os confrades ou oficiais da Casa são os “mercadores de luzes”, “saqueadores”, “homens do mistério”, “pioneiros ou mineiros”, “compiladores”, “homens de dote ou benfeitores”, “luminares”, “inoculadores” e “intérpretes da natureza”. A função dos luminares é descrita como a procura de “novas experiências de mais elevado conhecimento” (Bacon, 1976, p. 76). A Casa de Salomão baconiana é uma representação da ideia que é possível juntar num único local a totalidade do conhecimento humano com auxílio de sistemas prostéticos que aumentem as capacidades das faculdades dos seres humanos e até de sistemas artificiais que simulem seres humanos completos, os “autómatos de homens” (Bacon, 1976, p. 73). Não seria inoportuno aproximar as funções dos oficiais da Casa de Salomão das funções que a internet já hoje realiza e de outras que no futuro conseguirá realizar. O cuidado que Bacon coloca na representação dos fenómenos da luz antecipa a desmaterialização de processos que a tecnologia digital permite, como se tudo, incluindo a própria realidade, fosse feito de luz. Apesar de não se conhecer factualmente o que terá levado Jünger à criação do luminar, Bacon surge como uma possibilidade muito forte, já que o anarca de *Eumeswil* apreciaria um dos objetivos da Casa de Salomão da fábula baconiana, o de “estar escondido e invisível dos outros e, todavia, ter os outros revelados aos seus olhos, como banhados numa luz” (Bacon, 1976, pp. 28-29).

2. *Opiumnacht*

No romance de 1977, uma época que já conhecia a noção de computação e que já ensaiava a conexão dos computadores entre si mas que ainda não tinha nada que se assemelhasse à internet, realidade dos anos 90, encontra-se a representação de uma máquina reservada à elite do Estado mas estranhamente afastada do centro da vida da cidade. O modo como Jünger descreve esta máquina é importante para se chegar ao sentido último da rede mundial de computadores. Os assuntos parecem diferentes. Um romance não se confunde com uma estrutura técnica. Contudo, o sentido desta última é anunciado pelo primeiro. Nada do que existe no tempo e no espaço é uma utopia; o luminar de Jünger permite ver que aquilo que está a acontecer nestas últimas décadas tem, contudo, um potencial utópico

que ultrapassa a atual internet. Os utilizadores quotidianos desta ferramenta já se esqueceram da quase magia que ela significa. Seria necessário ter um apagão generalizado da internet para se conseguir uma perspectiva certa sobre este assunto. A utilização quotidiana da rede mundial esconde um significado que merece ser procurado. Há, pois, duas questões que o romance auxilia a responder. A primeira tem a ver com o papel central que a internet desempenha na vida contemporânea. A segunda tem a ver com o seu sentido último.

A antecipação de Jünger auxilia, pela diferença em relação ao que existe hodiernamente, a responder a estas questões. Em primeiro lugar, encontram-se sinais do que já existe, e sinais de uma amplificação possível do que já existe. O luminar é um meio de aceder aos registos da história humana, uma prótese gigantesca que compensa a finitude e a fragilidade da memória humana, seja em registo individual, seja em registo coletivo. O *barman* do palácio do ditador de *Eumeswil* tem uma alma erudita e compraz-se a enriquecer os seus conhecimentos através do estudo de áreas científicas completas. A recapitulação da história permitida pela memória vasta do luminar permite ao protagonista, de nome Manuel Venator, o bônus da pequena criatividade que deriva daquele momento em que o estudioso, ao fazer uma conexão rara entre dois assuntos que nunca tinham sido conectados, sente a alegria de ter colocado no mundo um conceito ou uma ideia que o mundo ainda não conhecia. Manuel Venator recapitula, por exemplo, “a história do direito público, de Aristóteles a Hegel”, exercício que lhe proporciona a intuição de um axioma novo sobre a “igualdade entre os homens” (Jünger, s.d., p. 39; 2015, p. 45).

Sublinhem-se as três aspirações que aqui se manifestam. A primeira parece ser a da procura de um duplo estável e perfeito da realidade, os remanescentes culturais do que acontece na História. Venator, apelido formado a partir da palavra latina para “caçador”, dedica-se, como se fosse um jogo inconsequente, à caça de conhecimentos de acesso difícil. A segunda materializa o desejo de uma memória que toque o infinito, uma memória que aponta para a junção do plano mnésico com o plano metafísico, uma espécie de omnisciência de tudo o que aconteceu na História. A terceira aponta para o desejo ainda mais intenso de se colocar no mundo algo que ainda não existia anteriormente. Este desejo de criação é disfarçado pela atitude lúdica do anarca descomprometido com a intervenção política, mas revela-se num dos rostos do desejo que o move, o da obtenção de um ponto de vista sobre os eventos que não era acessível aos protagonistas iniciais dos mesmos, uma capacidade metacrítica. É inútil aludir de passagem que a vida

humana joga desde sempre um jogo em que parece estar sempre a perder: a da batalha pela identidade pessoal e a da batalha pela relevância da ação humana num mundo que parece indiferente a essa ação. O luminar acedido por uma anarquia é uma ilustração literária de um combate que parece quixotesco pela alma de cada um e pela inscrição da ação na História. Aceder à memória do mundo e conseguir contribuir para a ordem das coisas é o modo de Jünger demonstrar que a vida humana pode alcançar o que desde sempre perseguiu: sentido. Os eventos passados não serão destruídos pelo tempo, mas poderão ser conhecidos e apreciados por observadores futuros.

A memória do luminar, se não é perfeita, é pelo menos mais vasta do que a de cada ser humano e de cada sociedade numa determinada época. Esta memória permite aceder de modo fácil às obras do passado. Ao lado da criatividade, Jünger alude a um outro efeito. O que parecia uma obra de fantasia, quando considerada isoladamente, ao ser colocada lado a lado de milhares de outras obras semelhantes, permite que se veja imediatamente que corresponde a uma forma do espírito humano. Escreve Manuel Venator no seu diário que se depara com “com seres que aparentemente existiam só na fantasia, mas que nela existiam tão solidamente ancorados que ganhavam forma e eram retratados – o unicórnio, por exemplo, a serpente alada, o caprípede, a sereia” (Jünger, s.d., p. 43; 2015, p. 50). A intuição de Jünger a este respeito revela-se também na internet. O excesso de informação faz nascer a dúvida sobre o que é efetivamente real, dúvida que se manifesta de modo duplo: por um lado, os eventos reais parecem feitos de material onírico e, por outro lado, os sonhos parecem reais. A memória vasta e a simultaneidade das representações contribuem para alterar o sentido do que é real. Poder-se-ia dizer que o luminar e, em menor escala, a atual internet, são sistemas com consequências metafísicas, isto é, alteram o que se pode considerar real, e, em consequência, o próprio conceito de realidade. Como é evidente, este resultado momentoso tem um preço. Mesmo a mais selvagem das imaginações pertence a uma história de formas simbólicas. É provável que os criadores de figuras fantásticas, como o unicórnio ou a serpente alada, pensassem que esse ato de criação derivava do seu génio imaginativo, do seu esforço artístico, ou de qualquer outro fator que *ad hoc* se possa invocar. A integração dessas formas simbólicas no todo do conhecimento a que só o luminar pode aceder mostra que a imaginação nunca é selvagem nem livre; cada pessoa só consegue imaginar o que lhe é permitido, e a esta verdade só se pode aceder retrospectivamente, como um adulto a reinterpretar um capricho seu de quando era criança.

Este resultado é surpreendente porque está longe dos objetivos utilitários que acompanham cada utilizador da internet. Ninguém se conecta à rede mundial de computadores com o objetivo manifesto de estudar a percepção da realidade; este resultado surge como efeito secundário e não desejado da utilização da internet. Assim como todos os objetos são acompanhados de uma sombra, Jünger compreendeu qual é o equivalente dessa sombra no que toca à informação. Essa sombra, semelhante a um fantasma, é o sentido dos acontecimentos. Eventos, nomes de pessoas e títulos de livros desaparecem facilmente do foco da atenção, e muitos não deixam rasto na memória. É dramática a pequenez da condição humana. O que parece salvar estas limitações é um efeito surpreendente do registo seco e frio da informação. Na falta de melhor rótulo para este efeito, dir-se-ia que é o sentido histórico ou o espírito de uma época. Por trás dos acontecimentos, das opiniões, dos factos e dos repertórios infindáveis, esconde-se o sentido que advém da apreensão dos pontos-chave do fluxo de informação. O luminar e a internet são formas sofisticadas de ver que permitem identificar grandes formas e tendências no fluxo da informação. Como as duas tecnologias alteram, como se viu, a percepção do que é real, não se trata apenas do fluxo de informação; é necessário acrescentar o fluxo dos eventos históricos, a forma do tempo, para utilizar a bonita expressão do historiador de arte George Kubler (1962).

Não são esquecidos os efeitos subjetivos da relação do utilizador com a máquina de memória. Jünger descreve a vertigem, muito semelhante à que é induzida pelas drogas, que deriva do acesso a um rio de conhecimentos inesgotável. É a experiência de dias e de noites em que não se tem desejo de fazer qualquer outra coisa, em que parece que a pessoa se esquece de si mesma porque a própria informação é um labirinto que, alimentando-lhe o desejo que a inflama, faz nascer ainda mais desejos que ela anteriormente não sabia ter. É a experiência da perda voluntária de si mesmo, uma manifestação contemporânea do velho tema ético da servidão voluntária. Sabe-se que Jünger experimentou muitas drogas e meios químicos de alteração do fluxo da consciência, tal como aliás descreve sem reservas nas suas *Annäherungen: Drogen und Rausch*, de 1970 (Jünger, 1977). Na utopia política *Eumeswil*, o contacto com o luminar é muitas vezes descrito como se se tratasse de uma droga mais poderosa do que qualquer meio químico existente. O luminar não se confunde nunca com a internet porque permite uma experiência visionária em que se consegue espreitar períodos históricos diferentes, aquilo que o voluntário da Legião Estrangeira descreve como “o labirinto de uma noite de ópio” (Jünger, s.d., p. 291; 2015, p. 304). Não se trata só de ver imagens

de livros ou de outras formas antigas de representação das coisas; trata-se de espreitar através de uma máquina do tempo o oceano do passado, ou, como propõem alguns intérpretes, ligar uma televisão temporal, iniciar uma mistura de máquina do tempo com base de dados total de vídeo, ou ainda aceder a um arquivo eletrónico. Assim, por exemplo, para Dagmar Barnouw, o luminar é “uma espécie de televisão temporal que pode penetrar e chamar cada canto do passado” (1991, p. 241). Para Lutz Niethammer, o luminar é “uma mistura de uma máquina do tempo e de uma base de dados de vídeo abrangente de tudo que é transmitido pela história, e que pode ser instantaneamente chamado a qualquer momento” (1994, p. 26). Finalmente, para Hans-Peter Schwarz, o luminar é um “arquivo eletrónico de acesso imediato e visual aos documentos e imagens” (2006, p. 220).

Alguns outros escritores tentaram esboçar o encontro com o que poderia ser descrito como o Olho de Deus, o ponto de todos os pontos, desde a máquina do tempo de H. G. Wells até ao alefe de Jorge Luis Borges, já para não falar da rica literatura sagrada. A imaginação literária de Jünger parece a este respeito mais próxima das experiências de clarividência da mística alemã Anna Katharina Emmerich, nos seus relatos de visões que ultrapassam os séculos (com a obra *Das bittere Leiden unsers Herrn Jesu Christi*, de 1833). Se esta afirmava ver *diretamente* a Paixão do Senhor e, por exemplo, o cenáculo onde aconteceu a Última Ceia em Jerusalém, Manuel Venator passa em revista as cidades gregas, as satrapias da Ásia Menor e o mundo romano e bizantino. Muitas outras referências poderiam ser feitas, nomeadamente as conexões que o próprio Jünger faz com o *Fausto* de Goethe, com o visionário sueco Emanuel Swedenborg, com Johann Jung-Stilling, o médico famoso pelas operações às cataratas, mas que se interessava pelo ocultismo, com Carl Reichenbach, o cientista interessado no mesmerismo, e com Aldous Huxley, o escritor inglês que descreveu as suas experiências com a mescalina nos ensaios *The Doors of Perception* e *Heaven and Hell* (Jünger, s.d., p. 296; 2015, p. 309). Mais ainda, a enciclopédia de tamanho inconcebível parece permitir a reactualização da história, como se o cibernauta do luminar pudesse ver *diretamente* os protagonistas de episódios históricos passados, e estar ao lado, por exemplo, dos assassinos de Júlio César. A internet de hoje não permite ainda nada disto; a internet de amanhã, tal como sonhada na utopia do luminar, mostra o desejo humano secreto de não ficar refém do pequeno destino que o limita a duas datas separadas por um hífen, destino a que se chama com orgulho infantil “a vida humana”.

A internet coloca em ação as faculdades anímicas da visão, da locomoção e do tato. Ainda não se sabe *cheirar* através da internet, nem *tocar*, nem *saborear*.

Jünger parece apontar para uma integração mais completa entre o homem e o instrumento. Por vezes, Venator fecha a porta, despe o roupão, a sua mão prolonga-se na máquina, assim como *todos* os seus sentidos (Jünger, s.d., p. 291; 2015, p. 303). A própria visão é amplificada. Não se trata de ver apenas imagens bidimensionais, mas de alcançar o “prazer estereoscópico” das imagens tridimensionais (Jünger, s.d., p. 291; 2015, p. 304). O treino necessário para dominar a máquina é mais intenso do que o de um cibernauta contemporâneo. O resultado é o esquecimento de si próprio na voragem da História que se pode reatualizar de alguma forma. É como se estivesse em causa uma estrutura imaginária de fusão entre a pessoa e a totalidade do conhecimento humano; o cibernauta deseja fundir-se com uma totalidade que considera melhor do que a sua própria pessoa. Vê-se isto de modo incipiente nas muitas horas que se dedicam ao puro prazer de navegar na internet. No luminar, da mesma forma, há um esquecimento do tempo na vertigem deleitosa que é dada pela totalidade dos sentidos e faculdades, incluindo, como Jünger insinua, o erotismo. Este desejo de fusão é também um dos traços do imaginário religioso e místico, como surge, por exemplo, na figura do Espírito Santo cristão.

É inútil, certamente, sublinhar tudo o que diferencia o luminar da internet. Jünger aponta para uma tecnologia que suprime tendencialmente todas as diferenças e que coloca o utilizador no centro do mundo. Não é só o instrumento, teclado ou bastão que se anulam num corpo prolongado que se torna contemporâneo de épocas históricas passadas. O prolongamento da mão humana nos instrumentos que utiliza é uma experiência registada desde sempre. Os guerreiros da *Iliada*, da Idade do Bronze, ou da *Chanson de Roland* medieval sentiam que a espada prolongava o seu poder. Jünger faz o *aggiornamento* desta experiência antiga. As listas de coisas e a monotonia da sucessão imparável dos eventos que preencheram os séculos são ultrapassadas pelo sentido das grandes tendências. A visão ultrapassa a arte, e o material histórico de que a historiografia se ocupou desde sempre é superado pela possibilidade de se ocupar o ponto de vista dos protagonistas da história passada. A linguagem torna-se ligeiramente esotérica, a tocar o ritual mágico ou a “conjunção” (Jünger, s.d., p. 295; 2015, p. 308). Esta superação das diferenças em geral e, sobretudo, da diferença que aparta a representação do representado, tal como, nos tempos antigos, a diferença entre a mão e a espada do guerreiro, é descrita como uma ressurreição, como uma libertação da matéria de um “núcleo supratemporal” (Jünger, s.d., p. 292; 2015, p. 304). Jünger acredita que a tecnologia permitirá aceder ao tecido de que é feita a História, à matéria-prima feita de tempo que irmana tudo o que acontece no mundo. Do ponto de vista desse tecido, não há diferenças nem

qualidades; não há eu e tu; não há objeto representado e sujeito que representa. A ilusão da diferença parece derivar das pregas do tecido do tempo, mais do que do seu fio, o fio tecido pelas Normas ou pelas Parcas. O amador de Teologia que era o capitão que invadiu Paris usa a figura do luminar para esclarecer o velho dito sapiencial de que “perante Deus todos são iguais” (Jünger, s.d., p. 292; 2015, p. 305). Poder-se-ia apoucar o alcance do pensamento de Jünger lembrando o velho problema filosófico das qualidades: a totalidade da vida humana é uma ilusão de qualidades que não existem de facto no mundo. Sabe-se isso desde Demócrito e Lucrécio. O mundo não tem cidades, nem comida, nem sabores, nem música; o mundo só tem átomos e vazio; tudo o resto são ilusões poderosas, estudadas, por exemplo, pelas mais fraudulentas das ciências, as ciências especiais, as que se dedicam a objetos que não têm dignidade metafísica porque derivam a sua existência de alguma instância mais fundamental. A imaginação tecnológica de Jünger sonha com a possibilidade de se poder aceder à matéria do acontecer histórico, àquele ponto de vista adamantino a partir do qual tudo é equânime. Descarta-se facilmente os átomos de Lucrécio e a blasfémia simpática de se referir Deus neste contexto; Jünger aponta para a esperança velha dos físicos e dos metafísicos, a esperança de descobrir o fio de que é feito o Tempo.

O papel da linguagem está, curiosamente, protegido nesta utopia. Jünger não alude à noção de computação mas ela está indubitavelmente no seu espírito. Assim como os mencionados átomos de Lucrécio irmanam todo o universo, e assim como o fio do tempo irmana tudo o que acontece no teatro da vida, assim também a cultura humana que se manifestou através da linguagem tem um fio numérico: “a torre de Babel foi desmantelada tijolo a tijolo, sendo estes numerados, e novamente construída” (Jünger, s.d., p. 294; 2015, p. 307). O beletrista alemão com paixão francesa está a tentar descer às catacumbas da linguagem humana, reparando que a sua natureza discreta deriva de uma descontinuidade ainda mais atomizada. A *buzzword* com que hoje se rotula este processo é “digitalização”; Jünger fala em tijolos numerados. Os seres humanos não trabalham ao nível deste grau zero da linguagem, mas o luminar poderá trabalhar com ele. A estrutura é semelhante à dos computadores. Os utilizadores dessas máquinas têm limites cognitivos tão acentuados que só conseguem interagir com esses dispositivos através de ilusões criadas deliberadamente. Os computadores não têm janelas, nem escritórios, nem baldes do lixo, nem estúdios de televisão, nem gravadores, nem calculadoras, etc. Estas mentiras úteis são o que permite a interação humana com as máquinas. Os tijolos da torre de Babel constituem hoje a digitalização

que devora boa parte da produção cultural e societária, a caminho da totalidade. Todos os dias esses tijolos destroem partes importantes da vida humana: cinema, administração pública, reserva de hotéis, ensino à distância, etc. Tudo está a ser carregado para a construção dessa nova torre de uma Babel digital.

Jünger aceita, provisoriamente, a mentira das perguntas e respostas. Poderia certamente descrever a interação de Manuel Venator com o luminar ao modo de Santa Teresa de Ávila a ter uma experiência mística. Não faz nada disso, certamente, e pressupõe uma forma de diálogo quase humano: o utilizador coloca questões à máquina, e ela responde com saber enriquecido, que, do ponto de vista humano, se confunde por vezes com sabedoria, como se a máquina de luz tivesse um poder oracular e, por isso, orientador da ação e da decisão. Parece que o romancista está a fazer uma vénia ao teste de Turing dos anos cinquenta, com perguntas e respostas. Este é o modo que hoje ainda domina a relação com a internet. Cada coisa que se escreve no computador é entendida como uma pergunta que merece de imediato uma resposta. Como os seres humanos são dialógicos, as máquinas estão a ser construídas como se fossem falantes de uma comunidade racional. Não se trata só de digitalização do mundo, mas de transfiguração do mundo num diálogo infinito, uma “dialogização”. Este processo parece imparável, e já se fala na ligação de todos os objetos entre si na computação ubíqua: casas inteligentes em que há conexão entre frigoríficos, computadores, televisão e dispositivos subcutâneos (Greenfield, 2006).

Esta obra de Jünger parece apontar para a conquista do nível mais elevado do automatismo: a reanimação da matéria. Quando hoje se vai a uma biblioteca, se se perguntar a um livro alguma coisa, ele não responde, porque uma biblioteca não passa de um cemitério de pensamentos humanos. Quando se diz que as pessoas amam o Livro ou a Cultura, parece que se está a descrever a necrofilia, a patologia psiquiátrica do desejo de se ter relações sexuais com defuntos. Boa parte da cultura ocidental é necrofílica, e as pessoas consideram que é sinal de sabedoria dar uma educação aos jovens com uma parte significativa de conteúdos mortos, menosprezando as suas experiências sensoriais. A cultura ocidental padece das dores causadas pelo amor necrófago que tem para com os livros desde, pelo menos, o mito de Thoth e Tamuz, do *Fedro* de Platão (274d-275b). No futuro, seguindo, por exemplo, as antevisões de um Marvin Minsky, sobre “corpos e cérebros de substituição”, e de um Raymond Kurzweil, sobre o momento singular em que os computadores ultrapassarem as capacidades do cérebro humano, as bibliotecas não serão cemitérios dos pensamentos de alguém que já não poderá responder,

mas coleções infindáveis das próprias inteligências dos autores cujas mentes foram descarregadas para suportes não biológicos e, por conseguinte, imortais (Minsky, 1994, p. 90; Kurzweil, 2005, pp. 198-203). No futuro, se se colocar uma questão a uma dessas inteligências é óbvio que ela responderá e poderá dialogar. Talvez possa aprender e sentir. As personagens históricas e as suas representações historiográficas não seriam letra morta, mas matéria viva.

Está em causa, como é evidente, a espiritualização da máquina e da matéria através da procura de níveis cada vez mais elevados de automatismo. Assim como a atual internet aponta para o futuro luminar, poder-se-ia dizer que este aponta para a conexão infinita de todas as coisas, para o despertar de todos os conteúdos da cultura ancestral, para a iluminação interior de tudo o que parece desprovido de alma. Um evento no passado, como a cidade de Jerusalém para Anna Katarina Emmerich, ou os idos de março da Roma de Júlio César para Jünger, deixou de estar separado para sempre de qualquer pessoa do século XXI. A internet e o luminar são parte do imaginário dos sistemas de conexão infinita e, como tal, são sintomas que revelam um mal de distância, um mal de exílio, um mal de terras longínquas. A distância é insuportável para a estrutura profunda do psiquismo. Só se ama a proximidade, o estar em casa, a união com outra pessoa. Ulisses poderá ter todas as aventuras em Troia e os plenos-poderes conferidos pela maga Circe, mas só será feliz em Ítaca, tal como Peer Gynt, de Ibsen, poderá viajar até Marrocos e Egito, que só será feliz quando regressar ao colo da sua mãe, já para não falar do Filho Pródigo bíblico. A matriz última destes rostos técnicos e literários é de natureza imaginal. Algumas figuras religiosas captaram de modo semelhante esta pulsão da imaginação profunda: a visão beatífica de Deus, a Santíssima Trindade, a corte celestial dos anjos, o Espírito Santo, etc. Estes exemplos cristãos podem ser facilmente substituídos por equivalentes de outras grandes religiões. O luminar é, em registo literário, sinal de uma aspiração profunda que tem como modelo a relação amorosa que a Santíssima Trindade estabelece entre as pessoas divinas, e entre elas e a Criação. Em registo científico e técnico, a internet mostra que o pensamento humano tem também esta aspiração. Se na parte técnica e utilitária isso é visível, na parte da grande conceptualização científica que vai sempre um passo à frente em relação à técnica, isso é especialmente manifesto em obras como as de Raymond Kurzweil, em livros como *The Age of Spiritual Machines* ou *The Singularity Is Near*, ou as dos físicos Frank Tipler e John Wheeler que acreditam que o universo físico é feito de informação e não de matéria (*it from bit*). A serem verdadeiras estas conjeturas, a vida humana

passar-se-ia dentro de um computador chamado universo. Também o imaginário cinematográfico revela a aspiração à fusão total; pense-se em filmes como *Tron* (1982), *Solaris* (1972 e 2002) e *Matrix* (1999 e 2003). As variações do tema são infundáveis: esquecimento de si mesmo na voragem que arrasta o utilizador do luminar; seres humanos a viver dentro de computadores; planetas feitos de água que sonham seres humanos; o universo como uma ilusão computacional; etc.

3. Figs e Mel

Seria fácil continuar o paralelo entre o luminar e a internet. Compreende-se neste momento o que está em causa. Existem dificuldades óbvias em qualquer aproximação de uma ficção literária a uma tecnologia real. Como se isto não bastasse, ainda existe a dificuldade superlativa de aproximar obras humanas, sejam elas literárias ou tecnológicas, de representações religiosas ou de testemunhos místicos. Esta equação conceptual não augura nada de bom. Parece sinal de mau método devido ao assunto excessivamente grande. Porém, não se deve aceitar este derrotismo. Toda a ciência e filosofia sempre se alimentaram da tarefa infundável de procurar conexões entre partes afastadas do mundo e da vida. A compreensão parece obedecer à mesma dinâmica que anima a internet e que se revela de muitos outros modos.

Repare-se na estrutura que se manifesta em primeiro lugar: a relação. Não é fácil compreender o imaginário da conexão infinita de que a internet é uma instância concreta, e de que o luminar e a Casa de Salomão são instâncias literárias. A categoria da relação parece ser o elo que irmana as partes das coisas que se querem reintegrar. Em qualquer nível que se considere o assunto, há sinais da mesma matriz que se revela na internet e no luminar. Deus, por exemplo, poderia contemplar-se a si mesmo por toda a eternidade, como diz Aristóteles no livro Lambda da *Metafísica* (XII, 1072b20-30). Nada há fora Dele que seja tão interessante. Todavia, ao que parece, fez alguma coisa, a que se chama Criação, e deu início ao movimento do mundo. Também poderia ter continuado a contemplar do alto a Sua obra, mas vai daí resolveu sujar os pés na poeira do Médio Oriente. Não escolheu a beleza das ilhas Fiji, mas a terra quente da Palestina. A conectar Pai e Filho, existe o Espírito Santo. Esta matriz reitera-se cansativamente nas obras humanas. Também cada ser humano poderia, por hipótese académica, tratar da sua vida em solidão permanente. Contudo, sai de si, e faz uma vida nesse processo.

Por muito que mergulhe em si, não encontra nada para ver. A vida humana não tem dentro; é o que se manifesta. Só se compreende quando sai de si. Esta matriz é dominante, e manifesta-se cansativamente noutros níveis. Por exemplo, as diferentes partes de um ser humano não se compreendem mutuamente. O capricho e as cócegas não têm nada a ver com o conteúdo fenoménico da cor azul ou com o sabor de morangos e de chocolate. Se se mergulhar todo o foco da atenção na mais pequena das experiências, é provável que ela desapareça. Se se passar um dia a cheirar só um perfume, o perfume desaparece. Nada é em absoluto. Antes de se mergulhar numa piscina, toma-se um duche de água fria para que a água da piscina pareça quente. Azul, sabor a morangos e água tépida só existem em relação a outros conteúdos fenoménicos e, obviamente, em relação a um sujeito. Tudo é relacional no mundo humano. Esta lição vale para cócegas e sabor a chocolate, mas também para casos de tribunal, avaliação do mérito, retribuição de favores entre amigos e até amor entre as pessoas. Cada uma destas partes aspira a ser integrada em todos maiores, assim como, a respeito do género, cada sexo aspira a encontrar o seu complemento. Xenófanes de Cólofon terá sido um dos primeiros a reparar na natureza relacional das experiências humanas e das próprias coisas, ao afirmar, no seu fragmento 38, que os homens achariam os figos bem mais doces se não tivessem provado o “louro mel”.

Há uma aspiração que move a tecnologia, uma aspiração a que alguma literatura dá forma, bem como algumas representações religiosas. A natureza última desta aspiração ultrapassa as capacidades de inteligência humana. Aristóteles fala do pensamento circular de Deus (*Met.* XII, 1072a20-25). Os seres humanos não têm, na sua finitude, pensamento circular perfeito porque têm de se ocupar de objetos exteriores. Saindo de si mesmos, integram de modo sempre imperfeito essas apropriações em unidades superiores, como a identidade pessoal e a personalidade. O seu círculo é um pouco mais caótico, mas parece ser igualmente fechado. A internet é, neste sentido, um espelho deste processo. De um lado, tem infindáveis conteúdos possíveis; do outro, obedece a uma estrutura integrativa que, como propõe Ned Block no argumento da Nação Chinesa, até poderá ser consciente, como se a internet fosse um cérebro artificial (1980, p. 276). Olhando para o luminar e para a internet deste ponto de vista, ter-se-ia que ver, a despeito das excelências de ambos, que os dois estão reféns de uma estrutura que os domina e ultrapassa. Talvez não haja novidade alguma na internet, e só se perde tempo a refletir sobre ela porque parece ser ilusoriamente um assunto inovador, quando a realidade poderá ser mais enigmática. Uma prova possível de que o mundo não tem qualquer novidade é a

internet, manifestação monótona de coisas que estão sempre a suceder. Detalhes diferentes, estrutura semelhante, tédio constante.

A diferença entre formas de integração cultural incipiente (por exemplo, um livro que é composto de vários capítulos que abordam assuntos diferentes, ou um código legal que tem vários artigos sobre objetos e situações também diferentes), formas de integração técnica elevada (sistemas de comunicação como imprensa, rádio e televisão), estruturas que integram de modo ilimitado conteúdos significativamente diferentes (e. g. a internet), motivos literários que aspiram à superação das barreiras do espaço e do tempo e das barreiras lógicas elementares, como a separação entre representação e representado (e. g. luminar), e reflexões sobre a integração absoluta (e. g. o deus filosófico de Aristóteles, a representação cristã da Santíssima Trindade) parecem derivar de um fundamento comum. A poetisa brasileira Adélia Prado poderia, no seu poema *Antes do Nome*, descrever este fundamento como “o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe / os sítios escuros onde nasce o ‘de’, o ‘aliás’ / o ‘o’, o ‘porém’ e o ‘que’, esta incompreensível / muleta” (2003, p. 6). Não se conhecem ainda as características deste fundamento, desse esplêndido caos, desses sítios escuros e dessa muleta. Tudo indica que, ao lado do ‘de’, do ‘aliás’ e do ‘porém’ estão objetos grandes, como a internet, sonhos literários, como o luminar, e aspirações coletivas, como o Espírito Santo. Não se sabe se se sonha com uma integração total da cultura porque Deus é trino, ou se se imagina um Deus trino porque a vida humana está cada vez mais integrada; não se sabe se a conexão entre frigoríficos, roupa de vestir e computadores deriva de uma característica local do mundo ou se deriva do mesmo fundamento insondável. O que está em causa é a monotonia estrutural: o luminar tem a mesma estrutura fundamental que a internet, a Casa de Salomão de Bacon, o deus de Aristóteles, os figos e o mel de Xenófanes, e desejo subtil que se denuncia em imaginários religiosos como o do Espírito Santo. Esta monotonia pode ser, certamente, ilusória. Contudo, talvez mereça ser mais bem investigada porque o que está em causa ultrapassa o mero utilitarismo da internet e parece manifestar uma estrutura profunda da ordem das coisas.

Ernst Jünger, com presciência notável, imaginou a internet e a superação dessa internet. Tanto uma quanto outra apontam para a importância da categoria da relação e para o imaginário da conexão infinita. Este é o coração da Cibercultura, e é ele que tem de ser pensado.

Referências bibliográficas

- ABREU, L. B. (1725). *Sol nascido do Ocidente, e posto ao nascer do Sol: S. António português, luminar maior no céu da Igreja*. Coimbra: Oficina de José António da Silva.
- BACON, F. (1976). *Nova Atlântida*. Lisboa: Minerva.
- BARNOUW, D. (1991). Opening and closing the past in postwar Germany: time, guilt, memory, and the critics. In Ernestine Schlant e J. Thomas Rimer (Eds.), *Legacies and Ambiguities: Postwar Fiction and Culture in West Germany and Japan* (pp. 227-248). Washington DC: The Woodrow Wilson Center Press.
- GREENFIELD, A. (2006). *Everyware: The Dawning Age of Ubiquitous Computing*. Berkeley: New Riders.
- BLOCK, N. (1980). Troubles with Functionalism. In Ned Block (Ed.), *Readings in Philosophy of Psychology*, vol. 1 (pp. 268-306). Cambridge MA: Harvard University Press.
- KUBLER, G. (1962). *The Shape of Time: Remarks on the History of Things*. New Haven CT: Yale University Press.
- KURZWEIL, R. (2005). *The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology*. Nova Iorque: Viking/Penguin.
- JÜNGER, E. (1977). *Drogas, Embriaguez e Outros Temas*. Lisboa: Arcádia.
- JÜNGER, E. (2015). *Eumeswil, Sämtliche Werke, 20, Erzählende Schriften III*. Stuttgart: Klett-Cotta.
- JÜNGER, E. (s.d). *Eumeswil*. Lisboa: Ulisseia.
- MINSKY, M. (1994). Will robots inherit the Earth? *Scientific American*, 271(4), 86-91.
- NIETHAMMER, L. (1994). *Posthistoire: Has History Come to an End?* Londres: Verso.
- NUÑEZ de Acosta, D. (1674). *Luminar menor*. S.l.: s.n.
- PRADO, A. (2003). *Com Licença Poética: Antologia*. Lisboa: Cotovia.
- SCHWARZ, H. (2006). Los pronósticos de Ernst Jünger: aciertos y cuestiones pendientes. In Henning Wegener (Ed.), *Ernst Jünger y sus pronósticos del Tercer Milenio* (pp. 213-232). Madrid: Editorial Complutense.
- TOFTS, D.; ANNEMARIE, J. & CAVALLARO, A. (Eds.) (2002). *Prefiguring Cyberculture: An Intellectual History*. Cambridge e Sydney: The MIT Press e Power Publications.